

O GÊNERO CRÔNICA E INTERDISCIPLINARIDADE: CONTRIBUIÇÕES DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Silvania Maria de Santana¹

Resumo

O ensino a partir de gêneros do discurso, bem como da leitura numa concepção interdisciplinar estão orientados pelos PCNs (1999), assim, a proposta deste trabalho é apresentar a leitura do gênero crônica a partir das contribuições do Interacionismo Sociodiscursivo. Para tal proposta, apresentaremos as especificidades genéricas da crônica, à luz da concepção de Candido (1992), e análise de *corpus*. A partir deste direcionamento metodológico, tivemos como resultado que a crônica é um gênero que suscita discussões interdisciplinares para as Ciências Humanas e Sociais. Portanto, a formação de leitores críticos é compromisso de todas as disciplinas.

Palavras-chave: Crônica; Interdisciplinaridade; Interacionismo sociodiscursivo

Resumen

La enseñanza a partir de géneros del discurso, bien como de la lectura en una concepción interdisciplinar están orientados por los PCNs (1999), de esa manera, la propuesta de este trabajo es presentar la lectura del género crónica a partir de las contribuciones del Interaccionismo Sociodiscursivo. Para dicha propuesta, presentaremos las especificidades genéricas de la crónica, bajo la concepción de Candido (1992), y análisis de *corpus*. Desde esta dirección metodológica, tuvimos como resultado que la crónica es un género que plantea discusiones interdisciplinares para las Ciencias Humanas y Sociales. Por lo tanto, la formación de lectores críticos es compromiso de todas las asignaturas.

Palabras-clave: Crónica; Interdisciplinaridad; Interaccionismo sociodiscursivo

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), professora da rede estadual de ensino de Pernambuco. E-mail: silvaniamariadesantana.santana@gmail.com

INTRODUÇÃO

O ensino da leitura do gênero textual, a partir da perspectiva de o interacionismo sociodiscursivo, permite ao aluno compreender o texto como um processo de interação social, cujos enunciados refletem o momento histórico no qual ele está inserido. A leitura, nesse contexto, é uma prática social e deve ser fomentada em situações concretas, daí a importância dessa perspectiva na produção de uma proposta de ensino com o gênero que seja interessante para o aluno, uma vez que ler não é apenas uma atividade individual, pois a comunicação na sua essência é dialógica.

Isso posto, é a partir da concepção de texto proposta por Marcuschi (2004), o qual o concebe como um *evento interativo*, que abordamos a leitura, uma vez que o texto não é um artefato monológico, mas um processo de coautorias em vários níveis. Assim, para tratarmos do ensino de leitura da crônica, interdisciplinaridade e do Interacionismo Sociodiscursivo, o aporte teórico que utilizamos está inserido nas propostas de Schneuwly e Dolz (2004), Bazerman (2006), Candido (1992), Freire (1985), Micheletti (2006), Kleiman (1999), Bakhtin e Volochinov (2010), Vygotsky (1997) e Bronckart (1999). Assim sendo, apresentamos a crônica como um gênero de forte apelo interdisciplinar e para comprovarmos tal constatação, selecionamos duas crônicas de momentos históricos diferentes, dentre elas: Herói. Morto. Nós², de Lourenço Diaféria, e Capibaribe, Capibaribe³, de Nelly Carvalho, sobre as quais analisamos as relações com outras áreas de conhecimento, cujo resultado apresentou o diálogo dessas crônicas com as Ciências Humanas e Sociais. Desta forma, esta pesquisa aborda reflexões interdisciplinares de leitura da crônica, sendo esta um gênero que registra o contexto sociopolítico de uma época.

O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO: ABORDAGEM TEÓRICA

A concepção sociointeracionista é uma prática discursiva defendida por correntes epistemológicas da filosofia e das ciências humanas, dentre os teóricos que

² Crônica veiculada na Folha de S. Paulo em 1º de setembro de 1997.

³ Crônica veiculada no Jornal do Commercio em 09 de outubro de 2009.

trazem abordagens sobre essa perspectiva, podemos citar: Bronckart (1999), Schneuwly e Dolz (2004), os quais fazem parte da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra. Bronckart (1999, p. 21) esclarece que “essas correntes têm em comum o fato de aderir à tese de que as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de **socialização**, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos **instrumentos semióticos**.”

Nessa direção Vygotsky (1997) defende a linguagem como a representação sociocultural de o falante, a qual o homem aprende nessa interação com o outro, e não inata e individual tal como defendem os gerativistas. Tanto Vygotsky (1997) quanto Bakhtin (2010) esclarecem que os signos são instrumentos psicológicos, isto é, a nossa consciência interna é formada por representações semióticas da realidade. Portanto, “A linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos.” (Vygotsky, 1997 p. 34). Este teórico atribui relevante importância à interação social e sobre esta abordagem Bronckart (1999) afirma que,

É a **apropriação**, pelo bebê, das unidades de significação da língua do seu meio humano que provoca a discretização e o desdobramento do funcionamento psíquico, que caracterizam o pensamento consciente. Mostrou também que são as **intervenções** deliberadas das pessoas desse meio que tornam possível essa apropriação e a estruturam, o que lhe permitiu formular uma concepção original das relações entre aprendizagem e desenvolvimento, organizada em torno do conceito de **zona de desenvolvimento proximal**. (BRONCKART, 1999, p. 28).

Deste modo, no sistema de ensino, o professor adquire o papel de mediador na relação de o ensino-aprendizagem. Para Bakhtin (2010), toda representação da linguagem dá-se na interação de o falante com o social, assim, toda produção humana é intermediada por signos linguísticos, referente a esta abordagem Bakhtin e Volochinov (2010) explicam que,

O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. No entanto, por mais elementar e evidente que ele possa parecer, o estudo das ideologias ainda não tirou todas as consequências que dele decorrem.

Desta forma, os teóricos russos combateram o psicologismo subjetivista da linguagem, uma vez que a língua é um sistema concreto, vivo e intermediado por signos linguísticos, e não individual e monológico. Bakhtin e Volochinov (2010, p. 34) reforçam que “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.” Consoante a essa abordagem, podemos afirmar que todo enunciado é dialógico, uma vez que a produção textual dá-se a partir do outro, daí o discurso como uma arena de vozes.

Bronckart (1999) declara que o interacionismo sociodiscursivo surge dessa concepção epistemológica que concebe a língua na interação com o social, e essa abordagem é uma forma mais específica de tratar sobre a língua e o ensino de os gêneros de texto, haja vista que estes são denominados de instrumentos de comunicação e produzidos a partir de contextos sócio-históricos situados, os quais são múltiplos, podendo ser orais e escritos, assim, Bronckart (1999) sublinha que,

Sendo produtos da interação social (do uso), assim como os textos nos quais se organizam, os signos continuam perpetuamente sob a dependência desse uso e, portanto, os significados que veiculam não podem ser considerados estáveis senão momentaneamente, em um determinado estado sincrônico (artificialmente). Convém assinalar ainda que, desde que através desses textos e desses signos com significações sempre moventes que se constroem os mundos representados definidores do contexto das atividades humanas, esses mundos, por sua vez, também se transformam permanentemente. (BRONCKART, 1999, p. 35).

Assim, os gêneros representam o que é dizível nos variados contextos comunicativos, portanto, mesmo sendo plásticos e mudarem ao longo do tempo, eles apresentam certa estabilidade na sua composição discursiva. Para Bakhtin (1997), os textos são formados por enunciados e estes representam juízo de valor, emoções e ideologia. Os gêneros do discurso, por sua vez, apresentam uma variedade de repertório inesgotável, por serem representações da própria atividade humana. Por conseguinte, o que diz respeito à estabilidade de os gêneros, o filósofo russo (1997, p. 285) afirma que “nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero”. Desta

forma, o gênero é convencionado em uma comunidade discursiva e só a partir da negociação nesta comunidade, que ele pode ser produzido criativamente.

LEITURA E REFLEXÕES INTERDISCIPLINARES

Micheletti (2006) defende a leitura como um ato interativo e de compreensão do mundo, por conseguinte, para se atribuir sentido ao texto acionamos vários conhecimentos sociocognitivos⁴, e o professor, como um mediador, pode auxiliar o aluno a enveredar pelo intrincado mundo de letras. Desta forma, Micheletti (2006) relaciona a caracterização de Helena Brandão⁵ sobre o que se entende por leitor crítico:

não é apenas um decifrador de sinais, mobiliza seus conhecimentos para dar coerência às possibilidades do texto; é cooperativo, já que deve promover uma reconstrução de mundo, a partir das indicações que o texto lhe oferece; é produtivo, na medida em que, ao refazer o percurso do autor, transforma-se em co-enunciador; é, assim, sujeito do processo de leitura e não objeto.

A partir dessa abordagem teórica, postula-se a interação texto-sujeito como um processo cooperativo de construção de sentido, uma vez que ler vai além da decodificação de signos e sinais para um diálogo real. Sobre essa concepção de leitura, o educador Paulo Freire ressalta, no livro *A importância do ato de ler* (1985), que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, ou seja, o estudante ao chegar à sala de aula traz as suas experiências de mundo. Esse autor chega a declarar que ao iniciar seus estudos, já estava alfabetizado, porque sua relação com o outro, com o quintal de sua casa, com os animais de estimação, os livros e histórias, que fizeram parte do seu letramento, foram fatores importantes para sua alfabetização, entretanto, ele ressalta que a escola nem sempre fez essa ponte da palavra com o mundo, deixando à deriva os seus conhecimentos prévios, os quais são importantes para construção de significados na leitura. Freire (1985, p. 12) afirma que “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

⁴ Sobre o assunto, ler *A virada cognitiva*, apresentada por Koch, no livro *Introdução à Linguística Textual*, 2004, p. 21-33.

⁵ In Brandão, H. e Micheletti, G., *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*, v. 2, p.18. Informamos que esta nota é da autora (2006, p.17)

Nesse sentido, o conhecimento de mundo é um fator sociocognitivo importante para compreensão de textos, o qual o aluno traz para sala de aula ou vai construir através da pesquisa com a mediação de o professor. Desta forma, a leitura segue uma perspectiva interdisciplinar, pois, diferentes conhecimentos serão ativados para a realização de uma leitura significativa. Kleiman (1999, p. 123) evidencia que “A leitura crítica tem um potencial emancipador contra a fragmentação e alienação, mas o leitor crítico é, por definição, um leitor, nunca mero decifrador.” Desta forma, esse leitor analisa o texto em toda sua potencialidade, não é um simples decifrador de palavras, mas estas ganham sentido no seu contexto.

A crônica, por sua vez, é um gênero textual que permite um trabalho interdisciplinar, sobre a qual poderá se fazer uma análise em que as diferentes áreas do conhecimento possam ser exploradas, tais como: Português, Geografia, História, Sociologia e Filosofia. Observamos essa possibilidade de estudo tanto nas crônicas de viagem quinhentistas até as atuais, não só nas de tom sério, mas as humorísticas que trazem implicitamente relações amplas de engajamento com o sociocultural. Nessa direção, Kleiman (1999, p. 123) reivindica:

Estamos reivindicando a escola e toda disciplina como espaço de desenvolvimento do leitor e a ação de todo professor como o de mediador ou facilitador da leitura para todos aqueles alunos que, apesar de estarem cursando os últimos ciclos do ensino fundamental (e, não raras vezes, do ensino médio), apenas sabem decifrar o texto para achar a resposta que o professor quer ou a mensagem que outros querem que reproduza ou memorize; ou seja, para aqueles que têm, no texto escrito, não um instrumento para sua emancipação e desenvolvimento, mas apenas outro instrumento para sua alienação.

Essa reflexão leva-nos a afirmar que todas as disciplinas têm a sua contribuição na formação de leitores críticos. Assim, a leitura em sala de aula deve ser feita explorando a potencialidade do texto, não apenas para responder às questões solicitadas pelo livro didático, que para isto, o aluno coloca-se como mero decifrador de palavras, buscando as respostas, as quais, em sua maioria, estão na superfície do texto, sem que haja, o olhar crítico e a inferência das informações mais elaboradas, do propósito comunicativo e da relação contextual. Koch (2006, p. 30) esclarece que, “O sentido de um texto, qualquer

que seja a situação comunicativa, não depende tão somente da estrutura textual em si mesma (daí a metáfora do texto como um *iceberg*).” Constata-se, desta afirmação, que a leitura de um texto vai além da sua organização estrutural, a crônica humorística, por exemplo, o seu propósito não está apenas em levar o leitor ao riso, mas em fazer uma crítica a um evento social, daí o discurso ser dialógico, isto é, uma contrapalavra.

O trabalho com o currículo interdisciplinar veio refletido desde os PCNs (1999, p. 12) na seguinte declaração: “Os PCN do Ensino Médio buscam dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização, e evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade.” Tal proposta de ensino é confirmada e melhor explicada pelas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2008, p. 27) ao ressaltar que,

[...] a assunção de uma postura interdisciplinar não é um movimento que se deva dar exclusivamente no âmbito da disciplina Língua Portuguesa, mas deve, sim, refletir uma opção metodológica orientadora do projeto político-pedagógico da escola. Nesse caso, trata-se de um projeto que aposta que a atividade de conhecer/aprender um dado objeto se pode organizar sistematicamente a partir de uma lógica que propicie que o objeto em foco seja construído/abordado por meio de diferentes lentes, isto é, a partir de diferentes olhares advindos do conjunto de disciplinas escolares que compõem o currículo ou de diferentes recortes advindos de áreas de conhecimentos.

Marcuschi (2008, p. 16) declara que “Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais.” Desde que concebamos os gêneros como atividades comunicativas dos grupos humanos e entidades dinâmicas de representação das ações sociais.

AS ESPECIFICIDADES GENÉRICAS DA CRÔNICA JORNALISTA

Candido (1992, p. 13) afirma que “A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas”. Entretanto, a crônica se ajusta à sensibilidade do leitor, pois a elaboração de sua linguagem traduz o nosso modo de ser mais natural.

Assim, a partir da análise das especificidades das crônicas que circulam no jornal, nota-se o tom lírico e de conversa com o leitor, cujos temas estão relacionados, na maioria das vezes, com a notícia, assim são retextualização desta. Dell’Isola (2007, p.38) define que “retextualização é a passagem de um texto escrito para outro texto escrito, especificamente, de um gênero textual para outro gênero textual.” Assim, percebe-se essa retextualização nas crônicas, artigos e charges que circulam no jornal.

Na sua trajetória histórica, ela esteve ao rés do chão, por isso, quando falamos dos romancistas e poetas do século XIX vêm em nossa lembrança importantes nomes tais como: Machado de Assis, Olavo Bilac, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompéia, os quais tão enfatizados no livro didático como grandes romancistas e poetas, mas dificilmente lembrados como cronistas. Candido (1992, p. 13) adverte: “Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse.” Portanto, parece que a crônica era um gênero menor, uma vez que não trouxe o brilho e a fama aos romancistas e poetas desse século.

A crônica é um gênero que remonta a sua origem desde a Idade Média a qual apresentava um caráter histórico, assim, podemos mencionar o primeiro cronista de Portugal, Fernão Lopes, nomeado cronista-mor do reino, em 1434, pelo rei D. Duarte. Assim, no Prólogo, D. João (apud SILVEIRA, 1992, p. 25), Fernão Lopes declara: “[...] que outra cousa nom he errar salvo cuidar he verdade aquello que he falso.” Isto é, a função da crônica era narrar os feitos dos antigos reis de Portugal até o reinado de D. Duarte com a escrita da verdade. Logo, havia nessas crônicas o engajamento político que fazia parte da época, daí o seu caráter sócio-histórico.

Segundo Cardoso (1992, p.143), “A crônica é como uma bala. Doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. *Crônica* vem de *Cronos*, Deus Devorador. Nada lhe escapa.” Assim, pode-se dizer que o cotidiano e o pitoresco ganham grandeza e poeticidade na narração de o cronista e nesse ar aparentemente desprentecioso que ela atinge de forma discreta a perfeição.

Conforme o percurso histórico da crônica como gênero brasileiro, Candido (1992, p.13-22) assinala as seguintes especificidades: 1) uma linguagem que fala de perto

ao nosso modo de ser mais natural; 2) na sua despreensão, humaniza e esta humanização lhe permite uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma; 3) a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas; 4) em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas; 3) amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor; 4) é filha do jornal e da era da máquina; não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera do jornal; 5) ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios; 6) sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu; 7) antes de ser crônica propriamente dito foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia- políticas, sociais, artísticas, literárias; 8) ao longo deste percurso, a linguagem tornou mais leve, cuja fórmula moderna, entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia; 9) na crônica parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversão frequente; nem o vocabulário “opulente”; 10) o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto, é de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo; 11) as crônicas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; 12) e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social; 13) a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do zigue-zague de uma aparente conversa fiada; 14) há crônicas que são diálogos, outras parecem marchar rumo ao conto, nalguns casos o cronista se aproxima da exposição poética ou certo tipo de biografia lírica.

Consoante às especificidades genéricas apresentadas por Candido (1992), a crônica é um gênero brasileiro com uma linguagem em geral lírica, irônica, casual, mas engajada com as questões sociopolíticas e culturais de uma época, dessa forma, é um gênero cuja leitura apresenta uma série de conexão na *rede* interdisciplinar.

ANÁLISE DE *CORPUS*

Para análise de *corpus* como já mencionado, selecionamos duas crônicas como forma de demonstrarmos a conexão delas com outras disciplinas, assim, o contexto histórico é um dos fatores importantes para compreensão do propósito comunicativo do gênero, logo, a primeira crônica para análise é Herói. Morto. Nós⁶, de Lourenço Diaféria. Pelo ano de publicação: 1977, o Brasil vivia o “silêncio” imposto pelo regime da Ditadura Militar, conseqüentemente, a crônica solicita o conhecimento histórico da época, daí a sua relação interdisciplinar com as disciplinas: Português, História e Sociologia. Desta forma, o escritor desabafa em um tom dramático e visceral sobre um homem comum que morre para salvar a vida de uma criança que caiu no poço das ariranhas, porém, como mesmo relata o cronista:

Não me venham com besteira de dizer que herói não existe. Passei metade do dia imaginando uma palavra menos desgastada para definir o gesto desse sargento Sílvio, que pulou no poço das ariranhas para salvar o garoto de catorze anos, que estava sendo dilacerado pelos bichos.

Esse autor sugere, por meio da imagem do Duque de Caxias, uma crítica implícita contra o Regime da Ditadura Militar conforme trecho:

O duque de Caxias é um homem a cavalo reduzido a uma estátua. Aquela espada que o duque ergue ao ar na Praça Princesa Isabel- onde se reúnem os ciganos e as pombas do entardecer- oxidou-se no coração do povo. O povo urina nos heróis de pedestal. (DIAFÉRIA, 1977)

Nesse sentido, Candido (1992, p. 22) afirma: “É que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo.” Entretanto esse monólogo assume a sua função dialógica ao passo que mantém um embate com outros grupos sociais e no trecho que vamos apresentar o “diálogo certo” dirige-se para o grupo do “cambalacho”. Observe:

⁶ Crônica publicada em 1º de setembro de 1977, na Folha de S. Paulo. Disponível em www1.folha.uol.com.br. Acesso em 30/04/2012, às 11h15min.

Esse sargento não é do grupo do cambalacho.

Esse sargento não pensou se, para ser honesto para consigo mesmo, um cidadão deve ser civil ou militar. Duvido, e faço pouco, que esse pobre sargento morto fez revolução de bar, na base do uísque e da farolagem, e duvido que em algum instante ele imaginou que apareceria na primeira página dos jornais.

Portanto, Keiman (1999, p. 55) explica que ao “colocar a leitura como objeto central nos projetos é uma questão ética, cuja abordagem necessariamente deverá levar em conta a multiplicidade cultural na preparação para a cidadania.” Daí a importância do conhecimento interdisciplinar para produção de sentido de um texto.

A segunda crônica é “Capibaribe, Capibaribe”⁷, de Nelly Carvalho, na qual a cronista traz à tona a denúncia sobre a morte de peixes nesse rio, assunto que serviu de notícia nos jornais, na televisão e rádio. Essa crônica apresenta uma série de intertextualidades e segundo Kleiman (1999, p. 62): “O significado de um texto não se limita ao que apenas está nele; seu significado resulta da interseção com outros. Assim, a intertextualidade refere-se às relações entre os diferentes textos que permitem que um texto derive seus significados de outros.”

Por conseguinte, para expor o seu apelo pela conservação do rio, a escritora produz argumentos que vão sendo construídos com poeticidade e lirismo, como podemos observar neste trecho:

Peixes mortos boiavam tristemente no Capibaribe, na quinta-feira, sinal evidente do descaso com que é tratado o rio [...]. Manuel Bandeira cantou em versos o rio de sua terra, na Evocação do Recife, quando repete o nome, politonando as vogais a/e [...] João Cabral, menos sentimental, mais próximo da verdade de hoje, chamou-o de cão sem plumas [...].”

O tema dessa crônica gira em torno da *conservação do rio Capibaribe* e na rede interdisciplinar, conforme proposta de Kleiman (1999, p. 53), tal tema mantém diálogo com as disciplinas: Português, História, Geografia e Arte. A cronista, por sua vez, remete-nos discursivamente a outros intertextos ao mencionar o nome do cacique Seathl e do educador Alcides Tedesco, como podemos constatar neste trecho:

⁷ Crônica veiculada no Jornal do Commercio em 09 de outubro de 2009 – sexta-feira.

As gerações vindouras não nos perdoarão a omissão, dizem os organizadores da ação em favor do rio. O repto lançado coincide com o que dizia o cacique Seathl sobre a destruição das pradarias no Oeste americano: A terra também pertence aos que ainda estão por nascer. À frente das ações está o conhecido educador Alcides Tedesco

A partir desses outros intertextos, a cronista mantém diálogo com as Ciências Sociais à medida que alerta a sociedade sobre a sua corresponsabilidade na conservação do meio ambiente. Portanto, os textos nos apresentam como um mosaico de intertextos, os quais solicitam uma leitura interdisciplinar para compreensão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de propostas interdisciplinares de leitura na sala de aula permite verificar a ação de todas as disciplinas na promoção de uma leitura significativa para o aluno, uma vez que os textos são um mosaico de intertextos, assim, o conhecimento prévio é necessário para sua compreensão. Nas crônicas analisadas no *corpus*, constatamos uma conexão nítida entre as Ciências Humanas e Sociais. Assim, o gênero crônica permite uma leitura interessante e engajada com a realidade sócio-histórica, política e cultural de uma época. Desta forma, todas as disciplinas são importantes na formação de leitores críticos, portanto, rompendo com o mito que a leitura é território exclusivo do professor de língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. & VOLOSHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAZERMAN, Charles. **Gênero, Agência e Escrita**. Judith Chambliss Hoffnagel, Angela Paiva Dionísio (organizadoras); tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. 1999.
- BRONCKART, JeanPaul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**; trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CANDIDO, Antonio [et. al.]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

KLEIMAN, Angela B. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino. Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka, Karim Siebeneicher Brito (orgs.). 3. ed. rev. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo-sócio-histórico**. 4ª. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 3ª. ed. Campinas: SP. Mercado de Letras, 2004.

Recebido: 13/07/2012

Aceito: 12/08/2012